

POEMAS DE MIRTES WALESKA SULPINO

QUANDO O MAR INVADE O CAIS

Quando meus olhos os teus encontraram
Um sorriso faceiro dos teus lábios brotou
Nossas almas que há tanto vagavam,
Reencontraram-se após o escuro que nos assombrou.

Quando meus lábios em tua boca encostaram,
Um tremor absurdo em mim se formou,
Minhas mãos já não me obedeciam,
E do teu corpo se apoderou.

Quando do nada me despertastes,
Uma fonte de vida de minhas entranhas jorrou.
És o meu refúgio, meus momentos perfeitos,
Minha luz que irradia.

Quando nossas almas se amaram,
Não era mais meu corpo que tremia,
Era a eternidade preenchendo minhas noites vazias,
Enchendo de vida o meu dia, e minh'alma de poesia.

Quando em mim tu te perdias,
Era o amor que te encontrava.
O mesmo amor que me prometias,
E que a ti eu dedicava.

E ainda, quando de mim repleta estás,
A lua brinca com as estrelas,
E o mar invade o cais.

RETRATO EM PRETO E BRANCO

Moro onde o acaso permite-me
Nas ruas, nas esquinas,
Deixei de ser menina.
Esqueci a inocência num banco de praça qualquer.

O vento frio é o cobertor que aquece-me.
E a fome, amiga de todas as horas.
As lembranças afastaram-se de mim,
E um buraco negro em minha mente se fez.

Não lembro que fui criança,
Não lembro de onde eu vim,
Não lembro quem são meus pais,
Não lembro como sorria...

O que permito-me,
É viver nesta constante agonia,
Contando as horas, esquecendo-me os dias,
Entregando-me à noite,
Fria, vã, vazia...

O que trago comigo é o meu corpo,
Pão que alimenta
Os de funesta alma e fétido corpo,
Assim como eu,
Perdidos sem rumo,

Sem prumo, sem lasciva, sem amor.

E a minha vida,
Esta, continua vazia,
Sem brilho, sem luz e sem cor.
Retrato em preto e branco,
Maculado pela pungente dor.

Moro onde o acaso permite-me,
Onde o céu outrora anil,
Cobriu-se das cinzas da poluição...
Manchando meu féretro corpo,
Estendido aqui nesta praça condenado à escuridão...

EM MIM

Quero que me entendas nas entrelinhas
Não apenas nas palavras ditas, óbvias.
Quero que me desvendias no olhar
No silêncio do meu mistério.

Quero que me ames com volúpia, com paixão.
Quero que me prendas em teus braços, deixe-me sem chão.
Eleve minh'alma com o toque da tua mão.
Quero te prender em mim,
Num momento eterno.
No improvável dos instantes em que me possuis.
Onde somos um.

Quero gritar no silêncio,
O meu prazer profundo.
Quando a lua nos envolve, e soberana brilha sobre nós.

Quero acordar a noite, e o dia também.
Porque ao teu lado, ao teu lado as horas não passam
Os relógios não têm ponteiros,
E os dias sorriem.
Mesmo quando, ainda, é madrugada.

Quero teus beijos quentes
Nas frias noites de solidão
Quando tenho medo do escuro
E acendo todas as luzes da minh'alma
E prendo firme tua mão...

Enfim, quero todos esses instantes,
Esses momentos.
Quero ser, quero ter.
Ter você.
Sempre.
“Em Mim”...

ABUTRE VORAZ

No sol quente e escaldante do sertão
Onde o vento queima feito labareda
O homem labuta à procura de pão, alimento visceral.
Usa a enxada, arma da sobrevivência,
Como um guerreiro usa o seu punhal.

Calangos, mandacarus, xiquexiques.
São suas companhias do dia-a-dia,
Compartilham seus ais,
Seus dias quentes, as noites vazias.

A Morte à espreita daquele que jaz.

O solo infértil, seco da chuva
Cheiro de morte exalando do chão
Animais ressequidos, virando poeira
Ao seu lado um abutre voraz,
Faz-lhe companhia, disputando seus féretros restos com os demais.

Cotidianamente o homem, menino,
Bicho, rapaz.
Em busca da sobrevivência,
Fugindo das garras da “indesejada das criaturas”,
Abutre se faz.¹

POESIA (IN)PERFEITA

Não quero rimas fáceis,
Quero o vento espalhando meus versos jogados sobre a mesa, escritos em um papel
qualquer.

Quero todas as palavras que caibam em mim,
Na minha poesia, na nossa velha canção que guardo na lembrança.

Quero a metamorfose das idéias,
Da minha fantasia desenhada nas nuvens,
A procura de alguém a decifrá-la.

Quero a poesia imperfeita
O soneto inacabado
O epitáfio imortalizado
A causa do meu viver.

¹ Poesia participante do XV Festival Sertanejo de Poesia em Dezembro de 2009. Aparecida-PB.

FLOR Bela

Sou tua rosa,
Poeta menina,
Tua flor em todas as estações.

E tu, que és, respondes pra mim?
- Espinho ou beija-flor.

Se fores espinho,
Sou flor despetalada,
Oh, Triste,
Pobre coitada.
sem verso, sem rima.

Se fores beija-flor,
Sou flor desabrochada,
Sou Flor, Sou Bela
- Florbela,
Poetisa mais que amada...

